

## Editorial

Não há quem chegue à universidade, seja ela pública ou privada, sem ouvir falar nele. Alguns o temem ainda antes mesmo da tão sonhada matrícula. O trote universitário, uma prática medieval que resistira ao tempo e atravessara o Atlântico, tem gerado importante discussão em nossa faculdade, principalmente com respeito à possível relação de poder veteranx-calourx.

A maior experiência e vivência universitária dos veteranos não podem justificar humilhações e violência, que muitas vezes extrapolam, e muito, as saudáveis brincadeiras de integração que devem pensadas tendo em vista o respeito mútuo e as liberdades, e diferenças, não são ignoradas. O ingressante, na mesma medida, não pode se furtar de estabelecer os limites de sua zona de conforto, recorrendo sempre que preciso à outros veteranos ou até mesmo às entidades, aos professores e às instâncias devidas na faculdade.

Ressaltamos que, em todo caso, é necessário um processo em que se averiguem devidamente os fatos ocorridos, antes de se atribuir culpa a qualquer uma das partes.

A Gestão Pagu do Centro Acadêmico de Direito, que sempre se manifesta contra quaisquer tipos de opressão, se posiciona em oposição a qualquer tipo de “trote violento”, ao “slut-shaming”, e à culpabilização das vítimas, mas entende que as paixões das massas também podem se colocar como forma de violência. Estendemos, mais uma vez, todo nosso apoio aos ingressantes e nos colocamos a disposição para acolher qualquer alunx que se sinta vitimado por essa prática, não só neste início de semestre mas como em todo o decorrer deste ano.

-Gestão PAGU

## SOBRE O ESTUPRO

Em uma recente pesquisa, o sadismo veio à tona. O estupro não é culpa do porco estuprador. Não, é culpa de mulheres que não sabem se comportar. É culpa das mulheres que querem sempre os provocar. Então, eu me pergunto: em que mundo vivemos? Exatamente onde foi que se perdeu a mais singela distinção entre vítimas e algozes desprezíveis? Onde? Como? Será que foi nas entrelinhas de propagandas mediocres que me tratam como um pedaço de carne? Será que foi na banalização da violência, naquele assobio ou naquele “gostosa” que diariamente escuto toda vez que resolvo sair de casa? Onde foi que homens e mulheres interiorizaram noções tão relativas sobre a violência sexual?

Querem saber o que é um estupro? Pessoalmente eu o encaro como sendo a manifestação mais suja da violência entre os seres humanos. A violação do corpo, a violação do espaço mais íntimo de um ser humano (mulheres, homens, tanto faz). Quando o seu corpo é violado entra-se numa batalha homérica pra reencontrar a paz. As lembranças estão em você, e se dissolvem as fronteiras do tempo e do espaço, não importa onde você esteja ou quanto tempo se passou da dor, o nojo e a angústia serão permanentes. Você gostaria de ser estuprado? VOCÊ GOSTARIA de ser estuprado? VOCÊ GOSTARIA DE SER ESTUPRADO? Gostaria de ter que lutar para encontrar uma saída qualquer para voltar a ser você? Para apagar as marcas da brutalidade, as marcas da invasão do seu espaço mais sagrado?

Aposto que se o IPEA assim tivesse perguntado, 100% das pessoas responderiam que não. Duvido muito que os abduzidos pela ideia de que mulheres nasceram para parir, cozinhar e passar fome ao seu lado gostariam de estar em nosso lugar. Aposto que o exercício da compaixão não é parte do dia-a-dia desses protagonistas da vida crua, dos machos-alfa que desfilam seus músculos por aí sem camisa toda vez que o sol arde demais. Ou das moralistas que acreditam que instituições tão podres, decadentes e castrativas como a Igreja e o sagrado matrimônio. Dos recalcados que temem descobrir o próprio corpo.

Já que vocês me impuseram a sua verdade crua, me disseram que eu me visto como alguém que gostaria de ser violentado, aqui vai outra verdade pra vocês, essa bem nua: vocês são tão porcos e imundos quanto os estupradores. Não se diferem em nada deles.

Querem outra verdade? 70% dos seres humanos estuprados são crianças e adolescentes (outra vez, dados do IPEA). Crianças e adolescentes que claro, se vestiram para a ocasião, com suas saínhas e vestidinhos e bermudinhas por aí. Outra notícia nua? 70% dos estupros são cometidos por parentes, namorados ou conhecidos da vítima, o que indica que o inimigo está dentro de casa e que a violência nasce dentro dos lares e é PREMEDITADA. Então, larguemos de hipocrisia, assumam a sua própria monstruosidade, pelo bem dos seus filhos, irmãos e amigos. Eu até estou disposta a ajudar, vou começar lhes contando a maior obviedade sobre a estupro: NINGUÉM MERECE SER ESTUPRADO. Se você não consegue conter seus instintos, o problema é você e não a minha roupa.

-Laura Gonçalves de Lima (Himalaia, RI)

GANHE **15%** DE DESCONTO

Apresente este cupom no ato da matrícula do idioma de sua escolha e ganhe 15% de desconto no valor total do semestre (curso em grupo).

Espanhol - Inglês - Italiano - Francês

Ligue e venha nos visitar: (16) 3727-8608  
Av. Eufrásia Monteiro Petrágliã, 1085 - Franca/SP



Instituto  
**LIEN**  
IDIOMAS e CURSOS

## VOCÊ CONHECE O JEC?

O JEC, ou Juizado Especial Cível, foi criado pela Lei n. 9.099/95. Sua função é trazer à população um maior acesso à justiça, visando solucionar conflitos de uma forma mais rápida e simplificada. Os processos realizados no JEC devem orientar-se pelos princípios da oralidade, da simplicidade, da informalidade, da celeridade e da economia processual. Também conhecido como “Juizado de Pequenas Causas”, nele, é possível entrar com ações nas quais o valor da causa seja de até 40 salários mínimos.

A UNESP conta com um Anexo do Juizado Especial Cível. Localizado no mesmo prédio do Centro Jurídico Social, o Anexo do JEC na UNESP tem competência para abrir ações de até 20 salários mínimos, ou seja, de até R\$14.480,00 - de acordo com o salário mínimo vigente. Os estagiários que compõem o Anexo da UNESP são escolhidos por processo seletivo. Suas funções vão desde a montagem do processo, como a realização de petições iniciais, até a conciliação nas audiências.

As audiências de conciliação são importantes para a celeridade e a economia do processo, são nelas que as partes têm a possibilidade de estabelecer acordos que sejam benéficos para ambos, de uma forma amigável. Caso a audiência de conciliação seja infrutífera, isto é, caso não haja acordo, o processo fica possibilitado de ser julgado por um juiz competente.

Dentre as causas que são cabíveis no JEC, as mais frequentes são as de reparação de danos por acidente de trânsito e as de obrigação de fazer, frequentemente ligadas ao direito do consumidor, além de outras ações que podem ser processadas pelo órgão, lembrando sempre da limitação do valor da causa. É importante ressaltar que não são cabíveis no JEC as ações fiscais e de interesse da Fazenda Pública (União, Estados, Municípios e Distrito Federal). No JEC é cabível também ação de execução de título extrajudicial, como de cheques e notas promissórias.

O trabalho do JEC é gratuito e visa, portanto, combater a lentidão e a formalidade do processo comum. O atendimento ao público do Anexo do JEC na UNESP acontece das 11h30 às 17h, de segunda a sexta, exceto nas terças-feiras - dia reservado para realização das audiências.

*-Jackeline Ferreira da Costa (Boing, 4ªDir)*

## MEMÓRIAS DO SILÊNCIO: 50 ANOS DO GOLPE QUE TENTOU CALAR O BRASIL

Durante a semana passada, mais precisamente nos dias 26, 27 e 28, o nosso campus foi tomado por diversos debates e discussões acerca dos 50 anos do golpe civil-militar brasileiro de 1964, que ontem (31/03) completou seu quinquagésimo aniversário. O evento “Memórias do Silêncio: 50 anos do golpe que tentou calar o Brasil”, organizado de maneira independente pela Gestão Vladimir Herzog, do Centro Acadêmico de História Gabriel Roy, trouxe a tona um período da sociedade brasileira que grande parte dos políticos e da elite desse país fez questão de esconder durante décadas, e que desde 2009, com a efetivação da Primeira Comissão Nacional da Verdade, busca-se tratar.

O objetivo do evento foi abordar, através de diversas atividades, as atrocidades cometidas no país durante os anos de chumbo, de modo a fomentar esse debate carente na universidade, e não apenas nela, prenúncio comprovado desde a acalorada abertura que contou com a presença de mais de 300 alunos e em que esteve presente também o Diretor do Instituto Vladimir Herzog, Ivo Herzog, filho do jornalista assassinado cruelmente nos porões do Doi-Codi, em 1975.

As discussões realizadas possibilitou enxergar que o trabalho de compensação as famílias (e aos indivíduos, quando se perdeu todos os entes) assoladas pelas brutalidades do período, se dará apenas de uma maneira: com a justiça. E é o reavivamento dessa memória de 21 anos, escondida por trás de uma forjada nuvem negra, que se apresenta como o caminho para que a real história seja contada, e os fatos finalmente esclarecidos.

Pela memória, pela verdade, pela justiça, somos todos Herzogs.

*-Carlos Neres (Damas)*

*Coordenador Geral do CAH, Gestão Vladimir Herzog*

## CALENDÁRIO DE EVENTOS E DATAS IMPORTANTES

4/4 Curso de Processo Civil  
14 a 18/4 Recesso das aulas  
23/4 R.A. do CADir

30/4 R.A. do CADir  
1/5 Recesso das aulas  
2/5 Curso de Processo Civil

# Material do Aluno

## Tragada

**A**cendo um cigarro enquanto penso na vida, dou a primeira tragada de morte, puxo a fumaça qual uma criança perdida no escuro busca a luz, a ponta brilha fugaz, bato com os dedos na extremidade e a neve cinza cai vagarosamente no chão do quarto sujo de poeira e mágoa, o peito começa a doer, e começo a arfar com vigor em busca de ar, levanto da cama e sigo em direção da janela, faz frio lá fora, e sempre que o céu fica escuro meu coração se enche de melancolia, ponho mais uma peça na boca e roço o talo no fosforo, mas antes que a chama transforme a ponta do cigarro em brasa, uma lufada de vento desaba o fogo da madeira, tento uma vez mais e obtenho êxito em dar andamento a minha dose de suicídio diária.

A lua; não saio de casa essa noite, acho que sua família, descobriu nossos encontros clandestinos, eles nunca permitiriam que tão considerável dama mantivesse contatos íntimos com um ser tão indolente como eu. As horas vão passando na cadência dos ponteiros do relógio de parede, as folhas das palmeiras dançam a valsa das ventanias. A fumaça do cigarro escorre faceira e perniciosamente oscilando sedutora em giros e rodopios, observo contemplativo; acompanho sua trajetória ao infinito firmamento onde percebo que minha amante *si-rius* brilha intensa para mim, dou outra tragada.

-Álvaro Santos Santana (L. turma, História)

## Cruzada

A roda que gira,  
gira feito peão.  
Numa nova hégira,  
numa volta pra Sião.

E o povo "se vira"  
andando com uma arma na mão,  
causando a discórdia, a ira!  
- Um tiro no próprio chão.

Chão sagrado  
de uma terra árida.  
Que sangra chagado  
sob a estrela cálida.

É que quando a cor pírea  
- Aquela do fogo torrando o pão -  
tinge o rosto ferido, a ferida  
apodrece no monte Sião.

Enquanto o coração...ção... "são"...  
de estrela e da lua caída, falida  
não mesclarem a beleza e partilharem a tristeza de sua condição  
jamais haverá volta, mas só ida. E não haverá paz no monte Sião.

Lembrem-se do corpo rechaçado  
Lembrem-se da carne assando sobre o carvão.  
E perceba que a fúria é o fogo de um povo desgraçado  
fiel ao amor - à dor. Povo fiel à Sião.

-Adolfo Mariano (XXXI Turma, Direito)

## DO TEMPO (continuação)

**E**stava sentado na cadeira da cozinha quando despontou em sua casa a tal senhora. A irmã tomou a dianteira indo abrir o portão; as duas, diferentes do irmão, ainda mantinham contato. Foram também conhecidas do colégio.

O senhor observava a senhora entrar com um embrulho nas mãos e braço com braço na irmã. Entraram. Ele cumprimentou e sentou. A senhora deu o embrulho para a amiga e esta deu ao irmão para que abrisse. Abriu então com meio jeito. Agradeceram e começaram a visita.

Na primeira meia hora ele iniciava um processo de pensar em abandonar as duas e, com desculpas de dor de cabeça, seguir para a sala. O que fez a primeira meia hora escorrer pelos dedos sem ter anunciado de forma disfarçada sua renúncia pela conversa foi o constrangimento que isso provocaria. Então era ele passando no ímpeto.

Já que não disse que se retiraria não se retirou. A segunda meia hora foi de mais fácil compreensão e começou até a achar graça na visita. Os tempos de menino invadiam, pouco a pouco, a lembrança. Olhou para a janela, para a irmã rindo com a senhora e devagar se acalmou.

Recordava fatos distantes; pensou em sua mãe. Que regozijo para o espírito. Ah! A casa materna! Com que precisão pensava em tudo aquilo. Agora olhar a cozinha mudada já era familiar, era como se aqueles dias idos tivessem entrado pela porta vai-vem. O tempo que se assenta e é compreendido, quando lembrado torna-se a própria vida. A vida de tempos idos e sentidos. Como a mãe era bela... Os primos queridos... A avó! Deus da terra, nosso Pai, que mérito conceder-nos a vivência!

Escureceu quando a visita foi embora. Era verão e o ar mantinha o cheiro das palmeiras imperiais que dançavam ao passo das cigarras condescendentes com a estação. Um vento mudo passava por todos os aposentos. Desejou boa noite para a irmã e se recolheu. Sentou na cadeira cor de mármore e adormeceu.

-Beatriz Mancuso Brotto (Pitu) Formanda, RI

## ATENÇÃO

Devido ao espaço na versão impressa, alguns textos tiveram partes cortadas ou alteradas, porém suas íntegras se encontram na página de Facebook do Vanguarda.



**PREÇOS  
ESPECIAIS PARA  
UNESPIANOS!**

Batata Frita (porção) R\$8,99

Skol (600ml) R\$3,99

Brahma (600ml) R\$3,99

Antarctica (600ml) R\$2,99

Subzero (600ml) R\$2,50

Av. Eufrásia M. Petraglia, 1265  
(Antigo Redondo)

# Material do Aluno

## E NO AFRIGIR DOS OVOS (CONTINUAÇÃO)

-Aristofanes de Heraclião (5º ano de Direito)

**T**ransitava, sem grandes dilemas, por entre os dois mundos, comportando-se como pavão entre pavões e como um charmoso estrangeiro entre as cercas do galinheiro. Natural que o jovem desenvolvesse certa preferência de transitar entre os galináceos. Tentou por algum tempo questionar as regras dos pavões, mas logo percebeu as vantagens de ser um, quer entre os seus, quer entre os outros. A partir de então, decidiu ser um pavão comportado, já que suas tentativas de rebeldia nunca lhe renderam benefício algum. Para evitar o ridículo, aceitou o preço de ser um pavão comum. Contudo, sua fama de pavão rebelde, por algum motivo acabou vingando entre os habitantes do galinheiro. Com o tempo, passou a contar aos pintinhos suas peripécias fantasiosas no mundo dos pavões. Foi então que os pobres pintinhos, ingênuos e impressionáveis, passaram assim a acreditar tratar-se de um pavão misterioso. No fundo de sua alma inquieta, contudo, nosso jovem herói temia diferenciar-se dos seus. Nunca lhe agradou a idéia de se tornar um galináceo, embora, visse com certo brilho nos olhos a ambiciosa perspectiva de, um dia, se tornar o chefe do galinheiro.

Sucessivas gerações de pintinhos nasceram e cresceram nutrindo-se daquelas histórias maravilhosas. E como fossem todos muito amarelinhos e comuns frente a um penacho tão colorido, o jovem pavão nunca desconfiou que pudessem ser diferentes. Sequer se dava ao trabalho de chamá-los pelos nomes. Sim, pintinhos, apesar de amarelinhos possuem cada qual um nome próprio, mas, que graça pode ter um nome diante de opulência de penas tão vistosas? A vida no galinheiro possuía, assim, uma rotina bastante estável, os pintos que cresciam logo eram substituídos por novas gerações amarelinhas em folha, por isso, o pavão nunca se importou com as idas e vindas dos pequenos, tampouco com o que lhes acontecia, desde que nunca fosse deixado falando sozinho.

A presença de um forasteiro nunca alterou a rotina da granja, nem interferiu no triste fado dos jovens galeto. Mesmo os galos mais velhos, figuras de grande respeito no galinheiro, jamais encaram com temor a presença tão patética de um pavão entre galinhas. Mas, se por um lado, o pavão se esforçava para evitar disputas com os anciãos, do outro, esses o olhavam até com certo desprezo. Por isso, tratava os galos, da mesma forma com que lidava com os pavões, sempre evitando qualquer tipo de rinha. O pavão era, por assim dizer, um ídolo da juventude galinácea. Suas palavras agitavam e atiçavam apenas as plumas mais jovens, dessas que até um brisa leve é capaz de dispersar. As penas mais velhas, no entanto, já endurecidas e assentadas sequer se moviam para ouvi-lo.

Um capítulo à parte diz respeito à vida noturna no galinheiro, da qual o pavão também tomava parte. Apesar das galinhas não serem dadas a cerimônias, a presença do pavão nos bailes era sempre certa. Eram bailes modestos, sem muito requinte e por isso mesmo, entre uma clientela tão desvalida, o penacho do pavão, sob o efeito dos jogos de luzes, parecia um verdadeiro manto real. Desfilava pomposo por entre o baile, tirando as frangas para dançar. Sua companhia era disputa, até mesmo entre os frangos que, embora não despertassem o mesmo deslumbramento, acreditavam-se, de alguma forma, contaminados pelo brilho da companhia pavonal. Alguns chegavam mesmo a arriscar algumas pequenas pavonices. Todos queriam ser um pavão. Do outro lado, pavão algum jamais se interessou em freqüentar festas de tão mal gosto, ou em saber o que se passava em um mundo tão desinteressante. Nem mesmo os galos se prestavam a tais desfrutes, assistindo de longe àquele espetáculo pitoresco. A eles sempre pareceu exótico que um pavão se desse a tais extravagâncias. Naturalmente que um espírito tão festeiro também não dispensava os luxuosos bailes dos pavões, onde, no entanto, sua estampa colorida não passava de um mero uniforme. Ali o pavão sentava-se satisfeito à uma mesa farta e nunca chegava a arriscar longos discursos ou mesmo coreografias estranhas.



## COTAS SIM! PIMESP NÃO!

Fato sempre abordado por veteranos e agora conhecido por calouros é a greve acontecida no ano de 2013 que abrangeu os três segmentos da UNESP Franca: professores, funcionários e alunos. A despeito dos questionamentos técnicos sobre a utilização do termo greve para alunos, das discordâncias sobre sua pertinência e das muitas pautas não atendidas, tratou-se, indubitavelmente, de movimento sem precedentes na história do campus novo da UNESP Franca, seja pela união dos três segmentos ou, inclusive, pelas pautas atendidas. E não se trata de incoerência: é preciso ter em mente que as necessidades do movimento estudantil, em especial na UNESP Franca, eram e continuam sendo muitas, entretanto, a quantidade de pautas atendidas ano passado não foi desprezível, principalmente se for levado em consideração o descaso da atual administração do Estado de São Paulo e da atual reitoria da Universidade Estadual Paulista em relação às necessidades dos discentes da própria universidade. E dentro das pautas atendidas, uma que merece especial destaque é a derrubada do PIMESP e efetivação de um programa de cotas semelhante ao das universidades federais na UNESP já em 2014.

Para o presente ano letivo teremos 15% de alunos cotistas, tanto oriundos de escolas públicas quanto os chamados pelo Governo de PPI (pretos, pardos e indígenas). Trata-se de conquista grandiosa para o movimento estudantil, visto que um programa de cotas sem restrições era pauta antiga, embora as outras duas estaduais paulistas (USP e Unicamp) continuem sem um programa de cotas como o que se faz presente em nossa universidade. Entretanto, apesar da alegria e do orgulho daqueles que são envolvidos com a causa, para os ingressantes pode não estar assim tão claro o que significa a derrubada do PIMESP e porque a implantação das cotas era um pedido dos alunos forte suficiente a ponto de se tornar um dos motivos para a paralisação das atividades. Diante disso, explicar estes pontos torna-se obrigação dos veteranos, mais experientes e inseridos no ambiente universitário, ao passo que, voltar-se a eles e tentar entendê-los deve ser um objetivo bastante pertinente e útil para todos aqueles calouros (e não calouros) que pretendem conhecer mais o contexto que permeia a faculdade.

O PIMESP, programa de cotas criado pelo governador do Estado e seus aliados era, em sua essência, segregador e racista. Como se não bastasse, o esdrúxulo projeto era inoperante, ineficaz, inaplicável, inexplicável, inaceitável... Bastava ver sua “fórmula de implementação”, criadora de “etapas” claramente segregadoras e dificultosas para o cotista pleiteante de uma vaga na universidade, o que ficava claro com a análise do projeto (como é um projeto grande e complexo, não convém aqui explicá-lo por inteiro, no entanto, nós, autores do texto, nos mantemos a disposição para esmiuçar os detalhes àqueles que se interessarem). Disfarçado de programa social, o PIMESP era, em verdade, somente mais uma das investidas megalomaniacas e autoritárias do governador Alckmin e seu grupo de seguidores políticos. Diante de tamanha falcatrua política e ideológica, rapidamente os alunos de nosso campus (e de muitas outras universidades), militantes ou não nas causas das cotas raciais e sociais, se uniram e manifestaram no coro ‘COTAS sim, PIMESP não!’ que findou com o abandono do projeto por parte do governo do Estado e a posterior adoção do programa de cotas já existente nas universidades federais que, embora ainda deficitário e com a necessidade de uma reanálise criteriosa para reparos importantes, representa grande passo na luta pela inclusão do pobre e do negro em nossa Universidade!

Descartado o PIMESP, chegamos ao questionamento: por que então insistimos em ter cotas? Por que isso era importante para nós?

-Matheus de Alencar (Dedonha, 4ºDN), Osvaldo Rodrigues Junior (Fefê, 4ºDN) e Renan Rosolem (Amanhecer, 2ºDN)  
(Este texto continua na Página do VANGUARDA no Fb)

## ERA UMA VEZ UM MANCO

Reza a lenda que os grandes eventos da história acontecem sempre duas vezes, primeiro como farsa depois como tragédia. A universidade vive sua transição entre a farsa e tragédia, a mentalidade do seu público também. Mas isso não é novidade para ninguém.

Mas quem disse que as coisas não mudam deu de cara com o muro da UNESP Franca. Sejam bem-vindas as rampas da acessibilidade! Hoje nossa Faculdade está aberta para um pitoresco manco.

Acidentou-se em um ocorrido recente, pra processo seletivo nenhum (de pseudo-extensões) botar defeito. Em uma tentativa dolosa de amputar uma de suas pernas o bonde da reitoria atropelou o famigerado tripé universitário. Bolsas e verbas para extensão? “Corta pra mim, corta pra mim!!!” disse Marcelo ReŞende Durigan

Ficou cocho, ou coxinha. Mas anda por aí, cambaleando quase caindo. Sendo lembrada sua memória em assembleias de baderneiros barbudos. Nas assembleias falam até línguas mortas: Função social da universidade, extensão comunicativa, tripé universitário... Tudo coisa do passado. De antes do “acidente”.

Quem sair por último apaga a luz. Essa é a lei que tem regido a UNESP. Mas culpa não é só de quem pilota o bonde da excursão. Nós, os passageiros, aqui muitas vezes guiamos esta tal acessibilidade. Tornar nossa graduação palatável ao tripé manco parece ter sido missão de alguns grupos de extensão. São a extensão do vestibular, do mercado de trabalho até do príncipe aqui dentro. Mas como disse o funcionário do mês da Usina Junior Nuclear (UJUR) Homer Simpson: “A culpa é minha e eu coloco ela em quem eu quiser”.

Mas não há porque se preocupar muito menos lutar contra, como diria o repórter penal Datena Fernandes “to muito tranqüilo quanto a isso”.

-Alexandre Novaes (DIMAS, 4º história)

Envie seu texto, crítica, poema  
ou charge para o  
**VANGUARDA**

E-mail: [direitounesp@gmail.com](mailto:direitounesp@gmail.com)  
Facebook.com/vanguardaunesp  
Facebook.com/direitounesp

AUTO ESCOLA  
**METR PARE POLE**

**12x**  
no cartão

Aulas práticas  
nas categorias  
A,B,C,D e E

Av. Chico Júlio, 3246 - Franca  
(16)37243574 / (16) 993755505

# Boletim de Política Interna e Qualidade de ensino

**C**aras alunas e caros alunos, é com muito prazer que a Gestão Pagu deste Centro Acadêmico compartilha com vocês uma grande conquista fruto dos ofícios enviados e das pressões políticas no Departamento, Conselho de Curso e Direção:

Na última Congregação, dia 01/04 foi aprovado concurso para Professor Assistente Doutor, em RDIDP, para a vaga de Processo Civil I a IV. O professor dessa matéria era o Prof. Corona que se encontra prestando serviços junto a Reitoria.

Todavia, o processo de pressão não se encerra nesta aprovação, vez que ainda há que se pleitear a efetivação da mesma junto à reitoria. A luta continua!

Para quaisquer outros problemas e qualquer dúvida, ficamos à disposição! É só nos procurar no corredor, via e-mail ou inbox do CADI

Cordialmente,

*Jéssica de Lima (Dilima) e Maria Helena Galhani (MH)*  
-Coordenadoras de Política Interna e Qualidade de Ensino

## Notícias do Conselho de Curso

✦Solicitação do professor Alfredo e da professora Yvete para que as reuniões do Conselho de Curso sejam alternadas entre 2ª e 4ª feira. Foi sugerida 5ª feira ao invés de 4ª.

✦Ofício Circular nº06/2014- Prograd- Edital 2014 para Programa do Ensino da Graduação. Tal edital prevê uma verba de R\$ 80.000,00 para 3 dos 4 cursos da FCHS para de um projeto de melhoria do ensino. O projeto já passou na Congregação e em breve será divulgado.

✦Ofício do CADI solicitando a inclusão de 3 pautas:

- **Avaliação Docente:** Será uma comissão institucional de discentes e docentes. Objetiva-se avaliar professores, feita pelos alunos sirvam para analisar a qualidade do nosso curso e também para respaldar as reivindicações/reclamações da representação discente.

- **Comissão de Discussão da Grade:** Ano passado, durante a reforma da grade, uma das reivindicações dos alunos aprovada no C.C. para que houvesse uma comissão permanente de estudo e discussão da grade para que as propostas de alteração ocorram pautados em estudos profundos e especializados. O objetivo, agora, é sua efetivação. Para isso os alunos interessados devem mandar os nomes para o CADI através do site ou do inbox. Será dado certificado a quem participar. Até agora, o docente que manifestou interesse foi o Prof. Boucault.

- **Possibilidade de orientador de fora da UNESP para os TCCs.** O objetivo é que essa possibilidade dê uma liberdade maior de busca de outros professores de fora da instituição para orientação dos TCCs e assim o aluno se sinta mais confortável desenvolvendo a linha que mais lhe convir. Pedido foi negado sob alegação de que era preciso que o aluno se adequasse aos docentes da casa e, dessa forma, valorizasse o quadro de professores da UNESP.

## Notícias do DDPb

✦Aprovado no concurso realizado nos dias 11 e 12 de Março, o professor substituto Silvio Marques Garcia, para as disciplinas de Direito Tributário I e II e Direito Financeiro I e II.

✦Aprovado em concurso realizado nos dias 6 e 7 de Março, o professor substituto Luiz Gustavo Mendes Penna, para as disciplinas de Medicina Legal, Criminologia e Direito Penal V e VI.

## Notícias do DDPc

✦Aprovada ajuda de custo para avinda do Prof. Georges Abboud para o Curso de Capacitação e Aprofundamento em Direito Processual.

✦Pedido da Representante Discente (RD), Rafaella Salomão para que se discutisse a viabilidade da reunião conjunta sugerida pelo Conselho de Curso. O prof. Alfredo negou dizendo não haver necessidade de tal reunião e que irá ao próximo Conselho de Curso apenas discutir o problema do ensino e da disciplina de Processo Civil.

## Entenda o problema com Processo Civil

**N**o segundo semestre de 2013, foi aprovado o professor André Valim Vieira para ministrar a disciplina de Processo Civil II para a XXIX turma. No entanto o referido docente compareceu apenas em DUAS AULAS, faltando as seguintes e não justificando nem respondendo os e-mails dos alunos.

Solicitado para explicar o acontecido, o Prof. Alfredo informou que o Prof. André tinha compromisso em outras instituições de ensino e que não poderia ministrar as aulas para os alunos do nosso curso. Então o chefe de departamento de Direito Privado acordou com o professor em questão que ele viria dar aulas a cada quinze dias, o que não ocorreu.

A representação discente então, respaldados pela assinatura de mais de NOVENTA ALUNOS( de uma sala de 110 alunos) enviou um ofício ao departamento exigindo que fossem dadas as reposições e que o professor contratado não tivesse seu contrato prorrogado e, ainda, ATESTANDO QUE NÃO TIVERAM AULA e nem o conteúdo programático cumprido de Processo Civil II no segundo semestre de 2013, com exceção de duas aulas ministradas pelo professor contratado e outra por um mestrando.

Após a insistência e discussão do assunto no Conselho de Curso, foi aprovada a reposição de aulas para o atual terceiro ano durante o primeiro semestre de 2014 com o mesmo Prof. André Valim Vieira.

A pedido de uma reunião conjunta entre direção, departamentos, conselho de curso, representação Discente e o Prof. André, o chefe de Departamento, professor Alfredo recusou, pois disse que as aulas foram dadas e que a representação discente e os alunos da XXIX turma SÓ estavam reclamando da qualidade, o que não procede, NÃO reconhecendo que tais alunos não tiveram todas as aulas de Processo Civil que um semestre possui.

O fato então é que um professor foi contratado, não cumpriu com suas funções deixando toda uma turma sem o conteúdo e com a matéria ainda aberta no SISGRAD e ainda teve seu contrato renovado. Ao que parece, o referido professor teve suas presenças contabilizadas.